

RESENHA

O FAZER-SE DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EUROPÉIA

*Antoniette Camargo de Oliveira**

*Wenceslau Gonçalves Neto***

BERRIO, Julio Ruiz (Ed.). *La cultura escolar de Europa*. Tendências históricas emergentes. Tradução: Miriam Soto Lucas e Chantal Ronchi Ferrari. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2000.

Trata-se de um livro composto de 11 (onze) artigos, cujos autores (espanhóis, franceses e alemães) escrevem sobre a educação escolar na Europa, numa perspectiva histórico-cultural. O mesmo divide-se em cinco partes, quais sejam: 1) El Tiempo Escolar; 2) El Currículum; 3) Los Manuales; 4) Fuentes para una Historia de La Cultura Escolar; e 5) Tendências Emergentes em Historia de La Educación.

A primeira parte contém apenas o artigo *La Historia Del Tiempo Escolar En Europa*¹. As informações, questionamentos e reflexões nele encontradas são os resultados resumidos de uma investigação coletiva coordenada pela autora, já publicados na sua completude em 1997, englobando Espanha, Itália, Alemanha, Portugal e Suíça. Trata-se de um trabalho que, de antemão, nos indica o “caminho das pedras” se por ele ousarmos nos aventurar. É indicativo também de que alguns períodos históricos se sobressaem, visto que ditam os ritmos do tempo escolar. Outros fatores, tais como as diferenças regionais, as tradições, as datas come-

* Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, UFU. E-mail: antoniette@bol.com.br.

** Doutor em História pela USP. Professor do Instituto de História e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em História da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: wenceslau@ufu.br.

¹ Marie-Madeleine Compère, *Service d'Histoire de l'Éducation-INRP, Paris*.

morativas/festivas, a religiosidade, o clima, os ditames (leis e/ou regulamentos), preocupação e vigilância por parte dos Estados nacionais, e principalmente as diferenças entre o campo e a cidade devem ser levados em consideração pelos pesquisadores nessa área. Assim, conforme a autora, não devemos ser conservadores nas nossas observações e análises. Apontando para a necessidade de trabalhos que tratem da escolarização e do tempo escolar a partir das próprias escolas, a autora, sugere 3 (três) categorias de análise, quais sejam: O “tempo de educação escolar”; o “tempo real de presença no colégio”; e as “atividades educativas extra-escolares”. Assim, evidencia que tem se ampliado cada vez mais o tempo fora da escola, indicativo, no caso europeu, de uma escolarização mais flexível.

A segunda parte contém 2 (dois) artigos, sendo o primeiro, *Construcción de Las Disciplinas Escolares en Europa*², e o segundo, *Gênero y Discriminación Curricular en La Espana Decimonónica*³. Juliá é ao mesmo tempo didático e intenso; divide seu texto nos apresentando as especificidades da História das Disciplinas Escolares, desde a sua gênese, na Europa, de onde se dispersa para outros países. Chama nossa atenção para o fato de a mesma ser devedora e credora da História da Educação. Planejamento, exposição didática, avaliação, dentre outros elementos (segundo o autor, mais internos que externos), devem ser levados em consideração para a análise das Disciplinas Escolares. Devendo-se considerar, portanto, desde a localidade da escola até a idade dos alunos. Qualquer fator que se exclua poderá levar a entendimentos historicamente reducionistas ou sem sentido. Enfim, ao longo do texto, Juliá desenvolve brilhantemente a idéia de que as disciplinas são carregadas de finalidades, as quais estão longe de ser unívocas, no que cita alguns exemplos. Da mesma maneira devem ser percebidos os livros texto ou os manuais esco-

² Dominique Juliá, *CNRS Centre de Recherches historiques. École Supérieur des Hautes Études em Sciences Sociales (Paris)*.

³ Pilar Ballarín Domingo, *Universidad de Granada*.

lares, que também são objeto de seus estudos, visto que inerentes ao ensino das diversas disciplinas. Sendo assim, não se deve esperar deles

[...] una función denunciadora o provocadora, menos aún cuando el control que se ejerce sobre su redacción y su producción — ya sea por vigilancia estricta del Estado o las iglesias, o por “libre” iniciativa de las casas editoriales o los profesores — desarrolla una forma de autocensura, consciente o inconsciente (p. 49).

Dominique Juliá estabelece também que para entendermos o que realmente ocorreu nas salas de aula, devemos pesquisar sobre o *ensino* das disciplinas escolares, mas sempre levando em consideração sua relação com os métodos e as práticas utilizados, o que é um trabalho difícil devido à falta de fontes, que também tem dificultado as pesquisas sobre a forma como os alunos se apropriam do que lhes é ensinado. A maneira como o autor esboçou o quadro da História das Disciplinas Escolares (em plena expansão), — lembrando que a disciplina se faz primeiro na escola para só posteriormente se tornar uma área da ciência — muito nos indica em termos de possibilidades de pesquisa.

O texto de Pilar Ballarín Domingo se ocupa basicamente das características da *educação* (dirigida ao coração) das mulheres na Espanha, desde o século XIX e no que elas se diferenciam dos homens, os quais ao invés de educados seriam *instruídos* (direcionado ao cérebro). Nessa tentativa, ela aponta para os “estragos” que alguns grandes pensadores (Rousseau, por exemplo) fizeram na educação feminina tanto pública quanto privada neste país. Numa perspectiva de inferioridade, submissão e docilização da mulher somaram-se justificativas sociais, biológicas e psicológicas. Ficam evidenciadas em suas pesquisas, por exemplo, que a educação escolar pública, para as mulheres, pouco se difere da educação doméstica. A “fronteira” entre o público e o privado é legitimada na escola através das mestras/mães ou mães educadoras. Quanto ao processo de feminização do magistério (imbuído do caráter maternal), a autora nos lembra curiosamente que, na

sua maioria, as professoras nem ao menos eram casadas. Às mulheres bastava que soubessem ler (necessariamente os catecismos), costurar e manter-se em silêncio (a maior prova de sua inteligência), tratava-se da discricção. Enfim, as mulheres aprendiam, nas escolas, a servir, servindo. A agulha ocupava as lacunas entre um trabalho pesado e outro na vida doméstica.

A terceira parte do livro é composta apenas pelo artigo *Pasado y Presente de Los Manuales Escolares*⁴. Exemplos em termos de fontes, métodos e possibilidades de comparação e análise, em toda a sua complexidade e riqueza. Assim Alain Choppin os descreve:

[...] es una fuente em la que el o los autores, el editor, las condiciones de elaboración, la fecha de concepción y las de puesta al día sucesivas pueden conocerse con precisión. Es por lo tanto fácil hacer una crítica externa, es decir, comparar el discurso del manual con el de otros manuales o con el que nos presentan otras fuentes, ya sean coetáneas a su concepción o a su utilización en clase (p. 113).

Além de promover uma definição especialmente referencial do que vêm a ser os manuais escolares, procura esboçar a história dos livros e das edições escolares na França, apontando para as atuais investigações ocorrentes neste país principalmente a partir de 1789. Os 4 (quatro) campos de pesquisa abertos desde então resumem-se: no contexto legislativo e regulamentar; no censo da produção escolar (que vem sendo feito através de um programa de investigação intitulado *Emmanuelle*, iniciado em 1980); nos editores escolares (sua história e o panorama das edições escolares); e finalmente na difusão da produção dos manuais. O autor, ao final, estabelece algumas questões incômodas a nós, professores, pedagogos, historiadores, cidadãos; dentre elas, a

⁴ Alain Choppin, Service d'Histoire de l'Éducation-INRP (Paris).

⁵ Antonio Viñao Frago, *Universidad de Murcia*.

⁶ Barnabé Bartalomé Martínez, *Universidad Complutense*.

real função dos manuais. A História destes, segundo Choppin cada dia mais necessária no estabelecimento de diagnósticos, pode contribuir para explicar o presente e, por que não, orientar o futuro.

A quarta parte é composta de 4 (quatro) artigos: *Autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos*⁵; *Otras fuentes para la investigación Histórico-pedagógica emanadas en espacios eclesiásticos desde la Educación formal y no formal*⁶; *Valoración y aportaciones metodológicas de la denominada “Educación Popular” – A la reciente investigación Histórico-Educativa*⁷; e *En torno a la Cultura Escolar como objeto histórico*⁸. Tratam todos dos mais diversos tipos de fontes passíveis de serem pesquisadas, bem como sobre métodos e necessidades iminentes na área, a título de sugestões para investigação e trabalhos de síntese. Antonio Viñao faz algumas reflexões reidentoras a respeito da utilização da ficção por parte dos historiadores, da educação no caso:

La experiencia profesional procede de mi doble condición de historiador y lector de obras de ficción. Como historiador preocupado por documentar sus recreaciones e interpretaciones del pasado, pronto vi que podía hallar referencias o alusiones históricamente certeras en las obras literarias, que en éstas podía también hallar la descripción de ambientes, personajes o hechos que me ayudaban a entender dicho pasado, y que, paradójicamente, los documentos históricos no solo eran una construcción textual que había que desconstruir, sino que, muchas veces, aquellos tenidos por auténticos contenían falsedades, siendo así que los eran producto de una falsificación deliberada podían ser también históricamente útiles por su misma cindición, si se me permite la expresión, de auténticamente falsos (p. 171).

Nessa mesma perspectiva, leva em consideração o debate

⁷ Juan Antonio García Fraile, *Universidad Complutense*.

⁸ Antonio Molero Pintado, *Universidad de Alcalá de Henares*.

sobre a memória sem considerá-la um incômodo para o historiador que, de qualquer maneira, não deve deixar a cautela de lado. Martínez objetiva nos motivar a conhecer e lançar mão, de forma mais freqüente, aos arquivos da Igreja ou arquivos eclesiásticos. Estes, no que diz respeito à História da Educação, podem conter documentos com informações desde sobre as instituições pedagógicas, passando pelas mais diversas Ordens religiosas, indo até mesmo a assuntos econômicos, sociológicos ou demográficos, dependendo, entre outros, do período de interesse. Fraile, por sua vez, após referir-se a Ginzburg, Chartier, Burke, Geertz e outros, no que tange às suas perspectivas sobre a História Cultural e microhistória, por exemplo, aponta para os diversos espaços não escolares de educação (família, locais de trabalho, espaços de sociabilidade, os espaços e práticas religiosas) os quais devem ser levados em consideração pelos historiadores da área. Pintado, por sua vez, trata da Cultura Escolar, na sua complexidade, nas suas possibilidades de interpretação dentro das vinculações e exclusões entre cultura escolar e classe(s) social(is). No geral, as categorias ou modalidades de análise são também exemplares na maioria dos artigos desta parte, quiçá do livro como um todo. E assim, nos vão abrindo caminhos; restando-nos apenas fazer algumas adaptações ao conjunto de especificidades inerentes ao Brasil.

Na quinta parte, 3 (três) artigos acentuam as variáveis analítico-metodológicas em História da Educação, encerrando a estrutura organizacional do livro. *Estudios Multidisciplinares y reflexiones filosófico-hermenéuticas: la estructuración del discurso pedagógico en Francia y Alemania*⁹; *Nuevos Enfoques en la Historia del pensamiento pedagógico*¹⁰; e *La Historia de la Educación después de la Posmodernidad*¹¹. Jürgen Schriewer além de nos proporcionar um melhor conhecimento a respeito da História da Educação tanto na Alemanha quanto na França, estabelece com-

⁹ Jürgen Schriewer, *Universidad Humboldt de Berlín*.

¹⁰ Julio Ruiz Berrio, *Universidad Complutense de Madrid*.

¹¹ Agustín Escolano Benito, *Universidad de Valladolid*.

parações quantitativas entre ambos os países. Para isso propõe uma classificação dos autores mais frequentemente citados em duas revistas publicadas num e noutra país, em dado período. Numa das suas considerações, o autor afirma que:

[...] a la inversa de los esfuerzos realizados por la pedagogia filosófico-hermenéutica alemana para definirse a partir de una problemática que le fuera propia y para constituirse a partir de conceptos propios, la cuestión que había presidido la institucionalización de la primera Ciencia de la educación en Francia — a saber, la educación moral mediante una moral laica —, se introduce entre las preocupaciones intelectuales, no sólo de la pedagogia, sino más todavía de la sociología, la economía social, la filosofía social o la moral (p. 263).

Nessa perspectiva e a partir de uma análise mais aprofundada das séries de informações construídas sobre os autores mais citados nos estudos de um e outro país, o autor nos possibilita perceber, por exemplo, que os alemães se encaminharam (em seus escritos) para uma consolidação de seu pensamento pedagógico, focando algumas posições teóricas, enquanto que houve uma dispersão por parte dos franceses. De qualquer maneira, sua leitura vale a pena.

Julio Ruiz Berrio (organizador do livro) aponta — a partir das idéias de apropriação e (re)elaboração — para a dupla direcionalidade (a respeito da qual devemos tomar cuidado enquanto historiadores) existente entre as *teorias* pedagógicas e as *práticas* educativas propriamente ditas. Chama a nossa atenção a respeito da urgência da pesquisa (novas fontes e métodos) e escrita de uma “nova história”, levando em consideração as rápidas transformações sociais, econômicas, tecnológicas e outras:

Por supuesto que no es necesario cambiar de temática, o de metodología de investigación cada diez o quince años por definición. Pero si resulta que esos diez o quince años son los últimos que hemos vivido, el cúmulo de modificaciones que se han operado en

las sociedades occidentales y en el mundo em general durante tal período ha sido tan grande que no podemos menos que intentar cambiar nuestro proyecto investigador anterior. Lo contrario sería vivir de espaldas a la realidad, a una realidad que tiene por una de sus características precisamente la transformación constante (p. 280).

Igualmente, no sentido de que não fiquemos presos principalmente a delimitações espaciais e/ou temporais muito curtas, dado inclusive o caráter global a que têm nos levado as últimas mudanças, exigentes pela escrita de uma nova História da Educação, ao se considerar os paradigmas emergentes, pelo menos na Espanha.

Agustín Escolano Benito fecha o livro, com a escrita do último artigo, de forma brilhante. Ele situa a História da Educação na crise em que se encontra atualmente a História de maneira geral, entre a Pósmodernidade e a Alta Modernidade:

Si se aboga por la primera, la historia que se escriba renunciará a los relatos, a la búsqueda de la racionalidad moderna e incluso a la investigación sobre el sentido del tiempo, de la evolución, de la existencia. Metodológicamente, optará por la deconstrucción y la reescritura desde lo individual, lo local, lo etnográfico y lo micro-histórico. Si se opta por la segunda via de la disyuntiva, la historia tratará de encontrar entre las nuevas tendencias emergentes las líneas que aseguren, aun dentro de la fragmentariedad y la dispersión, la continuidad del proyecto moderno e ilustrado (p. 310).

O “giro” historiográfico que ele pretendeu fazer apenas na primeira parte do artigo, permeia na verdade todo o texto, cuja erudição é valorosa. O autor nos arrasta literalmente a tomarmos uma nova postura enquanto professores e/ou intelectuais, no sentido de analisar de forma crítica e reflexiva o crescente desconcerto que afeta o mundo do ensino e da pesquisa em História da Educação.

Após as leituras dos vários artigos propostos, é manifesto o volume exemplar de possibilidades e trabalhos indispensáveis no

Brasil, inclusive com o objetivo de preservação, conservação, organização e catalogação das mais diversas fontes para a pesquisa em História da Educação, por mais recente que seja nosso passado educativo em relação ao europeu.

Recebido em junho de 2008

Aprovado em julho de 2008